



Soy mujer
y tu eres hombre,
y lo repito:
soy mujer
com mucho orgullo y gracia
com mucho ritmo,
y has de ver
que por ser mujer
y tu hombre...
te respeto
y me respetas,
te siento
y me sienta,
te miro
y me miras,
con sencillez y dulzura
con deseo y amor
con pasión y sentimiento...
Soy mujer
y por eso:
respetando mi cuerpo
cultivando mi mente
elevando mi espíritu,
te respeto
te siento
te miro y
te amo
a través de tu piel
a través de tus ojos
...tu boca y tu ser...

Soy mujer..., Nadya Soto

O sono pesou nas pálpebras
dos outros
e eu me observava
e observava minha loucura
(descrevendo círculo no ar
fui para casa
a noite envolveu o
traveseiro
e não dormi.

Haydée Sorensen (Sajida):
de O Tabefe, nº 0, 09.98

Da felicidade, um dia,
quase mesmo sem querer,
tive a chave onde se lia:
– “Amar e Ser” e não “Ter”!

Ida Dutra Helena Kolody (1912),
Sacramento:

de O Lúdico na
Retrato Antigo (1988):
em Nicolau, Ano X, 59

Trova
Água que corre,
que nasce e morre,
que das beleza
à natureza,
tua passagem
muda a paisagem.
Tudo carregas
rolando às cegas
no desatino do teu destino.

Água da fonte,
água do monte,
no acalanto
do teu encanto
irás decerto
ao encontro certo
de outra corrente
que serpenteia
constantemente
beijando a areia,
ou de outros rios
que rompem as matas,
que em rodopios
formam cascatas
por entre as brenhas,
por entre as penhas,
cortando a serra,
sulcando a terra,
buscando o arcano
do oceano.

Pra onde fores
meus dissabores
leve-os contigo
regato amigo.
Nas tuas águas
as minhas mágoas
quero que escondas,
para nas ondas
do imenso mar
as afogar.

Pequena Ode (a) Ocidental,
Cassiano Ricardo Leite (1895/1974)

Enquanto as palavras permanecem
o poeta morre.
O que incompleto está ficou
na gaveta da escrivania.
Vivo
se ele foi compreendido ou não
pouco importa
a vida foi sua inspiração
a poesia sua existência.

Quem é essa
que me olha
de tão longe,
com olhos que foram
meus?

Súplica, Esther Githay Benevides

Aginaldo Roberto Lago:
de O Tabefe, nº 0, 09.98

de Nicolau, Ano X, 59

De retalho em retalho
tiram
pedaços de mim
de espaço a espaço
costuram
os vazios de mim
de palavra a palavra
descobrem
eu sou mesmo assim.

Autópsia, Enilda das Graças Pacheco:
em Nicolau, Ano X, 59

A lua é, hoje,
uma continuação da rua.
Luxe espacial.
Mas uma simples rua
corta em dois
o que é um e único.
O amor, que é um,
mas por soma de dois.
Alemã, minha irmã,
só te posso dar,
dentro duma pequena
ode (a) ocidental,
uma rosa.

Uma rosa,
por cima do muro,
às cinco da manhã.

Me perguntarás, depois, curiosa,
porque tanto luxo espacial.

Grinalda de Trovas
(Trova Escolhida, Grinalda e Remate),
toda de Margarida Ottoni: em O Lúdico
na Trova de Ida Dutra Sacramento

Da janela, o avistar
de sempre.
Concreto mar de paredes.
Olhos sem mágoa a enquadrar
rubro findar no ocaço.
Horizonte em mudança,
preparo da noite.

Mais que estrelas e lua,
mercúrio e neón
no teto de nuvens.

13º Andar, Manoel Fernandes Menendez

Troca-se um livro
cheio de palavras vazias
por um olhar marejado de poesia.

Classificados, Enilda das Graças Pacheco:

Manoel Fernandes Menendez

*No jardim do coração,
plantei, um dia, a saudade;
em breve, deu um botão.
Hoje, há flor em quantidade.*

Inspirada nos amores,
na ventura e na paixão,
quis pintá-los, como flores,
no jardim do coração.

*No jardim do coração,
sem pensar na adversidade,
após colher aafeição,
plantei um dia a saudade.*

*Plantei um dia a saudade,
plantei-a com boa mão;
encontrou fertilidade,
em breve, deu um botão.*

*Em breve, deu um botão
da mais viçosa saudade.
Foi cruel a progressão:
Hoje, há flor em quantidade.*

*No jardim do coração,
plantei, um dia, a saudade;
em breve, deu um botão.
Hoje, há flor em quantidade.*

Grinalda de Trovas
(Trova Escolhida, Grinalda e Remate),
toda de Margarida Ottoni: em O Lúdico
na Trova de Ida Dutra Sacramento

Da janela, o avistar
de sempre.
Concreto mar de paredes.
Olhos sem mágoa a enquadrar
rubro findar no ocaço.
Horizonte em mudança,
preparo da noite.

Mais que estrelas e lua,
mercúrio e neón
no teto de nuvens.

13º Andar, Manoel Fernandes Menendez

Troca-se um livro
cheio de palavras vazias
por um olhar marejado de poesia.

Classificados, Enilda das Graças Pacheco:

em Nicolau, Ano X, 59

O homem esposou a máquina
e gerou um híbrido estranho:
um cronômetro no peito
e um dinamo no crânio.
As hemácias de seu sangue
são redondos algarismos.

Crescem cactos estatísticos
em seus abstratos jardins.

Exato planejamento,
a vida do maquinomem.
Trepidam as engrenagens
no esforço das realizações.

Em seu íntimo ignorado,
há uma estranha prisioneira,
cujos gritos estremece
a metálica estrutura;
há reflexos flamejantes
de uma luz imponderável
que perturbam a frieza
do blindado maquinomem.

Maquinomem, Helena Kolody:
em Nicolau, Ano X, 59

Luzes memórias de corpos
aquarela piscando em nossos rostos

infinda gravidez de ausência
no ventre da cidade

todos os rumos do mundo
e todas as cidades em becos

o som arrastado dum carro de bois
nos ombros largos da noite

e o jato que leva e traz o dia seguinte
rompendo a barreira do nosso sonho.

Cotidiano, Paulo Colina:
de A Noite Não Pede Licença, 1987

“Algún día
en cualquier parte
indefectiblemente,
has de encontrarte contigo mismo
y solo de ti depende,
que sea la más amarga de tus horas
o tu momento mejor...”

M. de Combi

Mayombe-bombe-mayombé!
Mayombe-bombe-mayombé!
Mayombe-bombe-mayombé!

A cobra tem olhos de vidro;
a cobra vem e se enrosca num pau,
com seus olhos de vidro, num pau,
com seus olhos de vidro.
A cobra anda sem patas;
a cobra se esconde no mato;
andando se esconde no mato,
andando sem patas.

Mayombe-bombe-mayombé!
Mayombe-bombe-mayombé!
Mayombe-bombe-mayombé!

Se lhe das com o machado, morre:
Dá!
Não lhe dê com o pé, que te morde,
não lhe dê com o pé, que foge!

Sensemaya, a cobra,
Sensemaya.
Sensemaya, com seus olhos,
Sensemaya.
Sensemaya, com sua língua
Sensemaya, com sua boca,
Sensemaya...

A cobra morta não pode comer;
a cobra morta não pode silvar;
não pode andar,
não pode correr!
A cobra morta não pode ver;
a cobra morta não pode beber;
não pode respirar,
não pode morder!

Mayombe-bombe-mayombé!
Sensemaya, a cobra...
Mayombe-bombe-mayombé!
Sensemaya, não se mexe...
Mayombe-bombe-mayombé!
Sensemaya, a cobra...
Mayombe-bombe-mayombé!
Sensemaya, morreu...

Sensemaya, Nicolás Cristóbal Guillén Batista
(1902/1989); tradução: Maria José de Carvalho



KIDAIAS DE PRIMAVERA

Um canto chamando
aviso de amanhecer
bem-te-vi desperta.

Alba Christina

Dia dos Finados.
Voltam lembranças passadas.
Profusão de flores.

Albertina C. G. dos Santos

Não consigo ler
placa de cobre azinhavrada
Dia dos Finados.

Carlos R. Barbosa de Jesus

Nas campas lavadas
há flores em profusão.
Dia dos finados.

Cecília do Amaral Cardoso

Dançando ao vento,
dragão com cara terrível,
rabeia uma pipa.

Cecy Tupinambá Ulihôa

Namoro na esquina.
Partilhando do beijo
a chuva vernal.

Darly O. Barros

Chego aborrecida.
No jardim, o ipê florido.
Estiver zangada?

Djalda Winter Santos

Criando miçangas
a chuva de primavera.
Orvalho ao sol.

Fernando Vasconcelos

O miúdo livre,
do gatinho, já saiu.
Uma nova vida!

Haroldo R. de Castro

Nuvens, sol: arco-íris
nas chuvas de primavera
colorindo o chão.

Heloisa Sauerbronn Brandão

Com linha partida
a pipa vai balançando...
Pipa dando adeus.

Héron Patricio

Acordo assustado
com marteladas, bem cedo:
– farrá de arapongas!

Humberto Del Maestro

Quanta leve acesa!
Ambiente de saudade...
Dia de Finados.

João Batista Serra

Florido de branco
o venerável ipê:
um monge no templo.

Leonilda Hilgenberg
Justus

Vestidas de flores
goiabeiras no barranco
até quando espero?

Neide Rocha Portugal

Gatinho tão fofo
desperta amor na menina:
mãe, compra pra mim.

Olga Amorim

Nas matas distante...
Araponga solta o canto...
Criança desperta.

Olga dos Santos Bussade

Flores, muitas flores
enfeitando a velha lousa...
Saudosos Finados!...

Olíria Alvarenga

Favela ensolarada.
Gurizada sonha alto
empinando pipa.

Paulo Alfredo Feitosa Böhm

Uma pipa enrosca
nos fios da rede elétrica.
Criança chorando.

Renata Paccola

Depois do dia quente
cai chuva de primavera.
Plantas agradecem.

Sergio de Jesus Luizzen

Kigos para os três haicais a serem entregues

até o dia 10.12.98:
Araucária, Curitiba, Dia da Bandeira.
Até o dia 10.01.99:
Bolha de Sabão, Flomboiã, Sabá.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra de sazão. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço do remetente, e entregar normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.



IPÊS EM FOLHA

Ímóveis corujas
sobre a cerca abandonada
velam o silêncio.

Neide Rocha Portugal

Pipocas ao fogo!
Deform-se mil cambalhotas,
transformam-se em flores...

A. M. Gerda Bornheim

No velho jazigo,
uma flor e duas lágrimas.
É Dia dos Pais.

Maria Reginato Labruciano

Guardando a porteira
a coruja solitária.
Olhos nos meus olhos.

Neide Rocha Portugal

Com olhos atentos,
a coruja fiscaliza
a boca da noite!

Ana Cecília Ferri Soares

Cheirando à distância,
pipoca o passado evoca...
– Sabores da infância.

Fernando L. de A. Soares

Perdi meu emprego.
Eu encontro pipocando
problemas em casa...

Luis Koshitiro Tokutake

Coruja boêmia
troca as belezas do dia
por noites de lua!...

Hermoclydes S. Franco

O milho pipoca
numa risada e pula
do lado do avesso!...

João Elias dos Santos

Na curva da estrada
farol ilumina a mata...
Olhos de coruja.

Maria Reginato Labruciano

Um banco de praça.
Crianças com pipoca...
Revoada de pombos...

Sérgio Serra

Sábica natureza!
Fez com que a noite tenha
coruja que a veja!...

Quelen Carini A. Tabosa

O milho arcobóico
aquecido se transforma.
Pipoca de circo.

Yedda Ramos Maia Patricio

Na mata distante...
Pio triste da coruja.
Lembranças antigas!

Olga dos Santos Bussade

Num banco de praça
um velho joga pipocas.
Festival de pombas.

Analice Feitosa de Lima

Trabalha o machado,
árvore seca extripada.
Coruja sem teto.

Yedda Ramos Maia Patricio

Cheiro de pipoca...
Menino passa tristonho.
Bolsinho vazio!

Olga dos Santos Bussade

A criação pára
e olha dentro do saquinho.
Últimas pipocas.

Maria Reginato Labruciano

Abriendo o presente,
também lembro de meu pai
neste nosso Dia...

M. U. Moncam

Por detrás da névoa,
a lua espia a coruja
aguardando a presa...

Mariemy Tokumu

Em meio à pastagem
um velho tronco esquecido.
Pedestal de corujas.

Neide Rocha Portugal

Menino no parque
rodeado de pombinhas:
esperam pipoca...

Mariemy Tokumu

Na moita de capim
leve bulício de ratos.
Vão de coruja.

Héron Patricio

Com olhar atento,
a coruja filósofa,
pousada no poste...

A. M. Gerda Bornheim



O CAÇADOR DE ESMERALDAS

Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac

I

Foi em março, ao findar das chuvas, quase à entrada do outono, quando a terra, em sede requeimada, bebera longamente as águas da estação, – que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata, à frente dos peões filhos da rude mata, Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.

Ah! quem te vira assim, ao alvorecer da vida, bruta pátria, no berço, entre as selvas dormida, no virginal pudor das primitivas eras, quando, aos beijos do sol, mal compreendendo o anseio do mundo por nascer que trazias no seio, reboavas ao tropel dos índios e das feras!

Já lá fora, da ourela azul das enseadas, das angras verdes, onde as águas repousadas vêm, borbulhando, à flor dos cachopos cantar, das abras e da foz dos tumultuosos rios, – tomadas de pavor, dando contra os baixios, as pírogas dos teus fugiam pelo mar...

De longe, ao duro vento opondo as largas velas, bailando ao furacão, vinham as caravelas, entre os uivos do mar e o silêncio dos astros; e tu, do litoral, de rojo nas areias, vias o oceano arfar, vias as ondas cheias de uma palpação de proas e de mastros.

Pelo deserto imenso e líquido, os penhascos feriam-nas em vão, roiam-lhes os cascos... A quantas, quanta vez, rodando aos ventos maus, o primeiro pegão, como a baixiês, quebrava! E lá iam, no alvor da espumarada brava, despojos da ambição, cadáveres de naus...

Outras vinham, na febre heróica da conquista! E quando, de entre os véus das neblinas, à vista dos nautas fulgurava o teu verde sorriso, os seus olhos, ó pátria, enchiam-se de pranto: era como se, erguendo a ponta do teu manto, vissem, à beira d'água, abrir-se o paraíso!

Mais numerosa, mais audaz, de dia em dia, engrossava a invasão. Como a enchente bravia, que sobre as terras, palmo a palmo, abre o leñço da água devastadora, – os brancos avançavam: e os teus filhos de bronze ante eles recuavam, como a sombra recua ante a invasão do sol.

Já nas faldas da serra apinhavam-se aldeias; levantava-se a cruz sobre as alvas areias, onde, ao brando mover dos leques das jussaras, vivera e progredira a tua gente forte... Soprara a destruição, como um vento de morte, desterrando os pájés, abatendo as caçaras.

Mas além, por detrás das broncas serranias, na cerrada região das florestas sombrias, cujos troncos, rompendo as lianas e os cipós, alastravam no céu léguas de rama escura; nos matagais, em cuja horrível espessura só corria a anta leve e uivava a onça feroz:

além da áspera brenha, onde as tribos errantes à sombra maternal das árvores gigantes acampavam; além das sossegadas águas das lagoas, dormindo entre aningaís floridos; dos rios, acachando em quedas e bramidos, mordendo os alcantís, roncando pelas fráguas;

– aí, não ia ecoar o estrupido da luta... E, no seio nutriz da natureza bruta, resguardava o pudor teu verde coração! Ah! quem te vira assim, entre as selvas sonhando, quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão!

II

Para o norte inclinando a lombada brumosa, entre os nateiros jaz a serra misteriosa; a azul Vupabussu beija-lhe as verdes faldas, e águas crespas, galgando abismos e barrancos atulhados de prata, umedece-lhe os flancos em cujos socavões dormem as esmeraldas.

Verde sonho!... é a jornada ao país da loucura. Quantas bandeiras já, pela mesma aventura levadas, em tropel, na ânsia de enriquecer! Em cada tremedal, em cada escarpa, em cada brenha rude, o luar beija à noite uma ossada, que vêm, a uivar de fome, as onças remexer...

Que importa o desamparo em meio do deserto, e essa vida sem lar, e esse vaguear incerto de terror em terror, lutando braço a braço com a inclemência do céu e a dureza da sorte? Serra bruta! dar-lhe-ás, antes de dar-lhe a morte, as pedras de Cortez, que escondes no regaço!

E sete anos, de fio em fio destramando o mistério, de passo em passo penetrando o verde arcano, foi o bandeirante audaz... – Marcha horrenda! derrota implacável e calma, sem um hora de amor, estrangulando na alma toda a recordação do que ficava atrás!

A cada volta, a morte, aafiando o olhar faminto, incansável no ardil, rondando o labirinto em que às tontas errava a bandeira nas matas, cercanda-a com o crescer dos rios iracundos, espiaando-a no pendor dos boqueirões profundos, onde vinha ruir com fragor as cascatas.

Aqui, tapando o espaço, entrelaçando as grenhas em negros paredões, levantavam-se as brenhas, cuja muralha, em vão, sem a poder dobrar, vinham acometer os temporais, aos roncões; e os machados, de sol a sol mordendo os troncos, contra esse adarve bruto em vão rodavam no ar.

Dentro, no frio horror das balseiras escuras, viscosas e oscilando, úmidas colgaduras pendiam de cipós na escuridão noturna; e um mundo de reptis silvava no negreque; cada folha pisada exalava um queixume, e uma pupila má chispava em cada furna.

Depois, nos chapadões, o rude acampamento: as barracas, voando em frangalhos ao vento, ao granizo, à invernoada, à chuva, ao temporal... E quantos deles, nus, sequiosos, no abandono, iam ficando atrás, no derradeiro sono, sem chegar ao sopé da colina fatal!

Que importava? Ao clarear da manhã, a companhia buscava no horizonte o perfil da montanha... Quando apareceria enfim vergando a espalda, desenhada no céu entre as neblinas claras, a grande serra, mãe das esmeraldas raras, verde e faiscante como uma grande esmeralda?

Avante! e os aguaiços seguiam-se às florestas... Vinham os lamarões, as lezírias funestas, de água paralisada e decomposta ao sol, em cuja face, como um bando de fantasmas, erravam dia e noite as febres e os miasmas, numa ronda letal sobre o podre lençol.

Agora, o áspero morro, os caminhos fragosos... Leve, de quando em quando, entre os troncos nodosos passa um plúmeo cocar, como uma ave que voa... Uma frecha, sutil, silva e zarguncha... É a guerra! São os índios! Retumba o eco da bruta serra ao tropel... E o estridor da batalha reboava.

Depois, os ribeirões, nas levadas, transpondo as ribas, rebramando, e de estrondo em estrondo inchando em macaréus os seio destruidor, e desenraizando os troncos seculares, no esto da aluvião estremecendo os ares, e indo torvos rolar nos vales com fragor...

Sete anos! combatendo índios, febres, paludes, feras, reptis, – contendo os sertanejos rudes, dominando o furor da amotinada escolta... Sete anos!... E ei-lo volta, enfim, com o seu tesouro! com que amor, contra o peito, a sacola de couro aperta, a transbordar de pedras verdes! – volta...

Mas num desvão da mata, uma tarde, ao sol posto, pára. Um frio livor se lhe espalha no rosto... É a febre! O vencedor não passará dali! Na terra que venceu há de cair vencido: é a febre: é a morte! E o herói, trôpego e envelhecido, roto, e sem forças, cai junto do Guacuí...

III

Fernão Dias Pais Leme agoniza. Um lamento chora longo, a rolar na longa voz do vento. Mugem soturnamente as águas. O céu arde. Trasmonta fulvo o sol. E a natureza assiste, na mesma solidão e na mesma hora triste, à agonia do herói e à agonia da tarde.

Piam perto, na sombra, as aves agoireiras. Silvam as cobras. Longe, as feras carniceiras uivam nas lapas. Desce a noite, como um véu... Pálido, no palor da luz, o sertanejo estorce-se no crebro e derradeiro arquejo. – Fernão Dias Pais Leme agoniza, e olha o céu.

Oh! esse último olhar ao firmamento! A vida em surtos de paixão e febre repartida, toda, num só olhar, devorando as estrelas! Esse olhar, que sai como um beijo da pupila, – que as implora, que bebe a sua luz tranqüila, que morre... e nunca mais, nunca mais há de vê-las!

Ei-las todas, enchendo o céu, de canto a canto... Nunca assim se espalhou, resplandecendo tanto, tanta constelação pela planície azul! Nunca Venus assim fulgiu! Nunca tão perto, nunca com tanto amor sobre o sertão deserto pairou tremulamente o Cruzeiro do Sul!

Noites de outrora!... Enquanto a bandeira dormia exausta, e áspero o vento em derredor zunia, e a voz do notitób soava como um agouro, – quantas vezes Fernão, do cabeço de um monte, via lenta subir do fundo do horizonte a clara procissão dessas bandeiras de ouro!

Adeus, astras da noite! Adeus, frescas ramagens que a aurora desmanchava em perfumes selvagens! ninhos cantando no ar! suspensos gineceus ressoantes de amor! outonos benfeitores! nuvens e aves, adeus! adeus, feras e flores! Fernão Dias Pais Leme espera a morte... Adeus!

O sertanista ousado agoniza, sozinho... empasta-lhe o suor a barba em desalinho; e com a roupa de couro em farrapos, deitado, com a garganta afogada em uivos, ululante, entre os troncos da brenha hirsuta, – o bandeirante jaz por terra, à feição de um tronco derribado...

E o delírio começa. A mão, que a febre agita, ergue-se, treme no ar, sobe, descamba aflita, críspa os dedos, e sonda a terra, e escarva o chão: sangra as unhas, revolve as raízes, acerta, agarra o saco, e apalpa-o, e contra o peito o aperta, como para o enterrar dentro do coração.

Ah! misero demente! o teu tesouro é falso! Tu caminhaste em vão, por sete anos, no encaño de uma nuvem falaz, de um sonho malfazejo! Enganou-te a ambição! mais pobre que um mendigo, agonizas, sem luz, sem amor, sem amigo, sem ter quem te conceda a extrema-unção de um beijo!

E foi para morrer de cansaço e de fome, sem ter quem, murmurando em lágrimas teu nome, te dê uma oração e um punhado de cal, – que tantos corações calcaste sob os passos, e na alma da mulher que te estendia os braços sem piedade lançaste um veneno mortal!

E ei-la, a morte! e ei-lo, o fim! A palidez aumenta; Fernão Dias se esvai, numa síncope lenta... Mas, agora, um clarão ilumina-lhe a face: e essa face cavada e magra, que a tortura da fome e as privações maceraram, – fulgura, como se a asa ideal de um arcanjo a roçasse.

IV

Adoça-se-lhe o olhar, num fulgor indeciso; leve, na boca aflante, esvoaça-lhe um sorriso... – E adelgaça-se o véu das sombras. O luar abre no horror da noite uma verde clareira. Como para abraçar a natureza inteira, Fernão Dias Pais Leme estira os braços no ar...

Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chamaz; verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas; e flores verdes no ar brandamente se movem: chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio; em esmeraldas flui a água verde do rio, e do céu, todo verde, as esmeraldas chovem...

E é uma ressurreição! O corpo se levanta: nos olhos, já sem luz, a vida exsurge e canta! E esse destroço humano, esse pouco de pó contra a destruição se aferra à vida, e luta, e treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta a voz, que na solidão só ele escuta, – só:

“Morre! morrem-te às mãos as pedras desejadas, “desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas... “Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo! “Nos campos, no pendor das montanhas fragosas, “como um grande colar de esmeraldas gloriosas, “as tuas povoações se estenderão fulgindo!

“Quando do acampamento o bando peregrino “saía, ante manhã, ao sabor do destino “em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor, “– no cômodo de terra, em que teu pé poisara, “os colmados de palha apuravam-se, e clara “a luz de uma clareira espancava o arredor.

“Nesse louco vagar, nessa marcha perdida, “tu foste, como o sol, uma fonte de vida: “cada passada tua era um caminho aberto! “cada pouso mudado, uma nova conquista! “E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoísta, “teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

“Morre! tu viverás nas estradas que abriste! “no esto da multidão, no tumultuar dos choro “da água do Guacuí... Morre, conquistador! “Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares “subires, e, nutrido uma árvore, cantares “numa ramada verde entre um ninho e uma flor!

“Morre! germinarão as sagradas sementes “das gotas de suor, das lágrimas ardentes! “hão de frutificar as fomes e as vigílias! “E um dia, povoada a terra em que te deitas, “quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas, “quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

“tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas, “no esto da multidão, no tumultuar das ruas, “no clamor do trabalho e nos hinos da paz! “E, subjugando o olvido, através das idades, “violador dos sertões, plantador de cidades, “dentro do coração da pátria viverás!”

...
Cala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo. Agora, a deslizar pelo arvoredor mudo, como um choro de prata algente o luar escorre. E sereno, feliz, no maternal regaço da terra, sob a paz esternal do espaço, Fernão Dias Pais Leme os olhos cerra. E morre.